



PREVENÇÃO AO SUICÍDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÕES COM ADOLESCENTES

SUICIDE PREVENTION: EXPERIENCE REPORT OF INTERVENTIONS WITH TEENAGERS

PREVENCIÓN DEL SUICIDIO: RELATO DE EXPERIENCIA DE INTERVENCIONES COM ADOLESCENTES

Domingos Martins de Souza Filho ¹
Gabriela Oliveira Neves ²

Manuscrito recebido em: 14 de dezembro de 2020

Aprovado em: 22 de dezembro de 2020

Publicado em: 31 de dezembro de 2020

Palavras-chave: Suicídio; Adolescente; Educação em saúde.

Keywords: Suicide; Adolescent; Health Education.

Palabras clave: Suicidio; Adolescente; Educación em Salud.

Introdução

A cada 40 segundos uma pessoa se suicida no mundo. Em muitos países, o suicídio está entre as três principais causas de morte entre pessoas de 15 a 29 anos. É um fenômeno que afeta famílias e comunidades e tem efeitos duradouros sobre as pessoas deixadas para trás. Ocorre em todas as regiões do mundo, tendo maior prevalência nos países de baixa e média renda¹. Esse panorama se torna um grave problema de saúde pública, requerendo prioridade no seu enfrentamento e prevenção.

O comportamento suicida – que engloba atitudes de automutilação, autonegligência, a ideação e o suicídio propriamente ditos – é um marcador importante de sofrimento psíquico². Tal comportamento é um fenômeno complexo, multifatorial, multifacetado e multicausal, e engloba fatores psicológicos, sociais,

¹ Graduação em Psicologia pela Universidade Salvador. Docente na Escola Técnica em Saúde Maria Pastor.

E-mail: dmartinsfilho@hotmail.com

² Especialista em Administração e Planejamento de Projetos Sociais pela Universidade Gama Filho. Professora na Universidade Salvador.

E-mail: gabriela.neves@unifacs.br.



ambientais, familiares, culturais, de saúde e espirituais, não existindo um padrão único, o que torna a identificação e prevenção precoces de extrema relevância.

Socialmente, evita-se a todo custo falar sobre a morte e o morrer, além de incentivar a manutenção da vida a qualquer custo. Com isso, busca-se de forma sistemática diminuir os espaços de discussão sobre o suicídio³, marginalizando pessoas em estado de franco sofrimento, culpabilizando os sujeitos e direcionando abordagens não qualificadas para um tema tão sensível.

Considerando o perfil epidemiológico e o período da adolescência, cercado de grandes mudanças, conflitos e transformações, a literatura aponta para a necessidade de fortalecimento das redes de apoio dos adolescentes, do envolvimento da família, grupos de pares e da escola, no intuito de promover relações satisfatórias, tendo em vista que os relacionamentos pessoais e a percepção de apoio ocupam um importante papel nessa etapa do desenvolvimento⁴, além de contribuir para a identificação precoce do comportamento suicida.

Nesse sentido, a atividade em escolas foi pensada como uma intervenção preventiva, visando aproximar o adolescente às discussões sobre o tema e proporcionar um espaço aberto e com pessoas qualificadas para acolher e dialogar sobre possíveis angústias e inquietações do adolescer.

Este relato tem como objetivo descrever a experiência da realização de oficinas lúdicas sobre prevenção ao suicídio entre adolescentes de escolas públicas de Salvador, Bahia, bem como narrar a contribuição dessas metodologias de intervenção na formação de profissionais de psicologia.

Materiais e métodos

Estudo qualitativo, de caráter descritivo, do tipo relato de experiência. Descreve-se a experiência de realização de oficinas de prevenção ao suicídio em escolas públicas de Salvador, Bahia, durante o estágio curricular de clínica do suicídio, do curso de psicologia.

As oficinas eram realizadas por grupos de alunos do último semestre do curso de psicologia, sob supervisão de uma professora e psicóloga, que intermediou e fez a aproximação prévia com as escolas e com os professores das turmas alvo



da intervenção.

Durante o período de planejamento, foram realizadas oficinas piloto entre os próprios alunos do estágio curricular e a professora supervisora, com o objetivo de trocar experiências e saberes sobre o tema, sanar dúvidas sobre a abordagem, avaliar as possibilidades de intervenção e encaminhamento, bem como ajustar a linguagem e definir as ferramentas a serem utilizadas na intervenção.

Considerando o perfil epidemiológico do suicídio e motivações próprias dos alunos do estágio, optou-se pelo direcionamento da intervenção para alunos do ensino médio, com idade entre 15 e 19 anos. As oficinas ocorreram em escolas de bairros periféricos de Salvador, que atendem, prioritariamente, a alunos de regiões circunvizinhas. Buscando atingir a maior quantidade de adolescentes possível, foram realizados quatro encontros com intervalo de uma semana entre cada um, aplicando, em cada ocasião, a intervenção a diferentes turmas.

Adequando a proposta ao público, utilizamos recursos de gamificação na construção de um tabuleiro humano interativo, pensado de forma cíclica, não tendo a demarcação de um início ou fim. No percurso, os alunos se deparavam com símbolos que direcionavam para ações interativas, como a apresentação de vídeos, músicas, relatos e frases comuns no imaginário social que provocassem discussão e reflexão sobre o tema. Esses materiais foram selecionados previamente pela equipe, priorizando a abordagem sobre bullying, cuidado consigo e com o outro, mitos e verdades sobre depressão e suicídio. Após a apresentação do conteúdo interativo, os alunos tinham um espaço para problematizar e apresentar soluções para a situação posta.

Pelo caráter cíclico do tabuleiro, a medição do progresso no jogo era feita através de cartões contendo números de locais para atendimento e aconselhamento psicossocial em Salvador. Esses cartões ficaram com os alunos e, ao final, o mediador explicou sobre a importância daqueles locais e orientou os alunos a disseminarem as informações com familiares e amigos. Ganhava o grupo de alunos que obtivesse primeiro 15 cartões informativos.



Resultados e discussão

O caminho entre o planejamento e as reflexões pós-intervenção exigiu do estagiário o aprofundamento nas discussões sobre suicídio, sobre aconselhamento psicológico, sobre a mediação de espaços e metodologias de aprendizagem. Nesse percurso, os estagiários foram adquirindo habilidade no manejo de dinâmicas de grupo, direcionamento de atividades e para prestar acolhimento durante e após a intervenção.

Foi perceptível a ausência de espaços interativos entre os alunos e os professores no espaço da sala de aula, culminando em poucas oportunidades de interação e aprendizagem compartilhada, evidenciando um déficit na atuação do professor enquanto promotor do desenvolvimento de habilidades sociais e de relacionamentos interpessoais entre os alunos.

Através dessa experiência, os estagiários puderam se aproximar de discussões reais que antes estavam apenas no campo empírico, numa oportunidade de qualificar a escuta, o acolhimento, a entrega de feedbacks individuais e coletivos, além de compreender a dinâmica social da adolescência no ambiente escolar.

Percebemos ainda que alguns alunos tiveram maior engajamento, enquanto outros precisavam de mais estímulos para participar ativamente das intervenções, o que reforça a fragilidade do sistema educacional no desenvolvimento de habilidades sociais e educacionais de forma que permita que todos os alunos, em suas singularidades, se desenvolvam no mesmo nível.

Os alunos, de modo geral, validam a presença e importância da psicologia nas escolas, possibilitando esse espaço para tratar temas ainda tidos como tabus dentro de espaços coletivos como a escola. No entanto, ainda é preciso avançar nessas discussões e na qualificação dos professores, de modo a facilitar a introdução de temas sensíveis no ambiente escolar, trabalhar as múltiplas inteligências através de diferentes linguagens e abordagens, facilitar espaços de diálogo e promover o desenvolvimento de habilidades socioemocionais⁽⁵⁾ para uma intervenção precoce.

Como desafios, cabe destacar a dificuldade em conduzir uma atividade que mantenha o adolescente conectado com o trabalho, sendo necessário utilizar diferentes estímulos e a utilização de uma comunicação mais próxima da



realidade dos adolescentes, proporcionando uma comunicação simétrica. Além disso, o tempo disponível para a intervenção era outro dificultador, considerando que, algumas vezes, algumas questões mobilizadas demandavam mais tempo para a consequente retomada do game, sendo preciso fazer constantes adaptações na abordagem.

Considerações finais

A experiência no estágio de clínica do suicídio foi de suma importância tanto para os estagiários, que tiveram maior aproximação com temas de responsabilidade social, competências e habilidades sociais e a promoção de espaços interativos entre os adolescentes no ambiente escolar, num processo de fortalecimento de vínculos sociais e aprendizagem significativa.

Essa vivência nos permitiu refletir sobre as diferentes possibilidades de tratar temas sensíveis em um contexto escolar, explorar o conhecimento prévio do grupo alvo, bem como trocar experiências e difundir conhecimento científico. Sobretudo no que tange a troca entre os adolescentes e os mediadores, a riqueza da intervenção está na abertura de um espaço de diálogo, acolhimento e reconhecimento da necessidade de estimular as habilidades sociais, permitindo que os próprios adolescentes sejam capazes de identificar traços do comportamento suicida, acolher e orientar a procura de um profissional capacitado para intervenção..

Referências

1. Organização Mundial da Saúde. Organização Panamericana da Saúde. Folha informativa - Suicídio [Internet]. Brasília; 2018 [citado 2020 out 28]. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839
2. Botega NJ, Silveira IU, Mauro MLF. Telefonemas na crise: percursos e desafios na prevenção do suicídio. Rio de Janeiro: ABP; 2010.
3. Berenchein Netto, N. Suicídio: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético [Dissertação] [Internet]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2007 [citado 2020 out 28]. Disponível em:



<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17213/1/Nilson%20Berenchtein%20Netto.pdf>

4. Braga, LL, Dell'Aglio, DD. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. Contextos Clínicos [online]. 2013;6(1): 2-14 [citado 2020 out 28]. DOI <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>.

5. Abed, ALZ. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. Constr. psicopedag. [online]. 2016;24(25): 8-27 [citado 2020 out 28]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100002&lng=pt&nrm=iso.